



Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Centro de Letras e Artes - CLA

Escola de Belas Artes - EBA

Departamento de Artes Teatrais – BAT

Curso: Curso de Artes Cênicas – Cenografia

As Marias: Uma narrativa em percurso

Pequenos palcos de grandes histórias

Autoria: Jovanna dos Reis Souza

DRE: 117086432

Orientação: Ronald Teixeira

Rio de Janeiro, 03 de março de 2021

Nome do estudante: Jovanna dos Reis Souza

DRE:117086432

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Centro de Letras e Artes - CLA

Escola de Belas Artes - EBA

Departamento de Artes Teatrais – BAT

Curso: Curso de Artes Cênicas – Cenografia

Título do projeto: “As Marias: uma narrativa em percurso - Pequenos palcos de grandes histórias.”

Nome do orientador : Ronald Teixeira

Local, Data da defesa: Rio de Janeiro, 03 de março de 2021

Resumo do projeto: O projeto cenográfico, “As Marias: uma narrativa em percurso - Pequenos palcos de grandes histórias”, se apresenta como uma espécie de ofertório, abordando a cenografia projetual de pequenos espaços evocando narrativas de afeto e memória. Dividido em três estações, os pequenos palcos representam a trajetória de Maria Raimunda dos Reis, a Mara, que passa pela trajetória de todas as mulheres que vieram antes dela e de todas que estão por vir.

Palavras-chave : Miniaturas, Percurso, História, Vivência

Sumário

A Origem 04

A Via 17

A Ação 24

As Etapas 42

Referências 45

Tempo que diz

De tempo somos.

Somos seus pés e suas bocas.

Os pés do tempo caminham em nossos pés.

Cedo ou tarde, já sabemos, os ventos do tempo apagarão as pegadas.

Travessia do nada, passos de ninguém? As bocas do tempo contam a viagem.

Eduardo Galeano

A origem

No meio do terceiro mês do ano de 2020 a notícia de que teríamos que ficar reclusos em casa por tempo indeterminado me fez pulsar a vontade de olhar para dentro e para trás, de refletir sobre os caminhos que foram percorridos para que eu pudesse chegar até onde eu cheguei como artista e como pessoa.

Quando estava no 3º ano do ensino médio, lembro de ter escutado da minha professora de Biologia, que as mitocôndrias, organelas responsáveis pela respiração celular, eram herdadas da mãe. E como as mitocôndrias possuem DNA próprio, é possível rastrear toda a sua ancestralidade a partir dessa célula que nos permite respirar.

Esse sentimento de voltar ao passado, de resgate da história, sempre esteve presente nos meus pensamentos. Volta e meia escutava histórias da minha mãe de como seria esse passado, tentava imaginar os locais que ela passou, os nomes das pessoas que se perderam no meio de tantas lembranças, como era nascer em meio a mata atlântica onde não tinha luz elétrica, energia essa que eu não consigo me imaginar sem.

Em uma das minhas incessantes buscas, eu me deparei com a obra de Conceição Evaristo e em umas das Lives do Centro Afro Carioca de Cinema Zózimo Bulbul, Evaristo fez citação ao livro “Histórias de leves enganos e parecenças”, nele ela falava sobre a força feminina como uma “força motriz” e de como os contos e a novela presentes no livro encaminham o leitor a múltiplas vias de leitura, pois

mesmo com esse modo de apresentação que se confunde com os mitos e rituais, e possuem valores ancestrais, podem também ser lidos com um viés acadêmico.

Logo adquiri o livro e ao ler, senti uma enorme identificação com a vida não só de minha mãe, mas de todas as mulheres da minha família. Ali eu tive certeza de que deveria falar sobre a história de alguém que está perto de mim. Além de uma tentativa de resgate e uma forma de homenagem, é uma tentativa de eternizar a memória e a história de pessoas que tiveram sua origem apagadas.

A partir daí eu comecei a pesquisar imagens que de alguma forma contassem história em movimento, imagens que se comunicassem com esse sentimento de memória e de afeto. Me deparei com pequenas festividades miniaturizadas do cenógrafo e artista plástico mineiro, Willi de Carvalho. Ao pesquisar mais sobre as inspirações do artista eu pude conhecer um outro mestre que me serviu de grande influência para esse trabalho, que é Hélio Leites.

Uma das formas do teatro em miniatura de Hélio se apresenta em caixinhas de fósforo que foram ressignificadas a ponto de se transformarem em objetos que carregam narrativas que de tão sintetizadas, mudam de acordo com a bagagem de cada espectador que as vê.

O ato de transformar objetos que possuem uma memória afetiva em palcos que de tão pequenos precisam que o espectador se aproxime, de uma maneira que se torna bem íntima, me motivou a realizar esse trabalho em uma escala em que cada parte da memória que será apresentada coubesse na palma da mão.

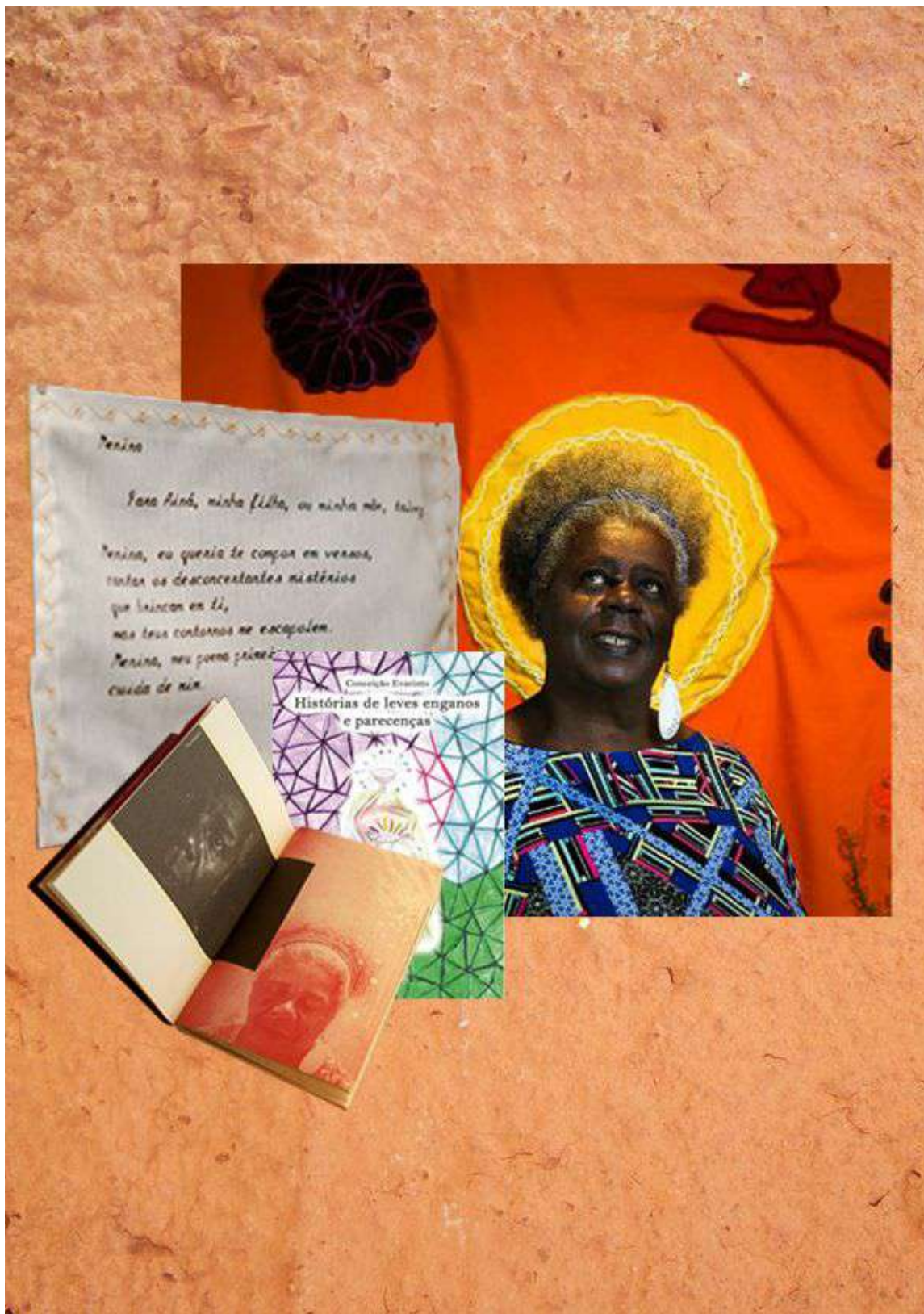
Durante o processo de feitura do trabalho, pude conhecer outros artistas que de alguma forma dialogavam com o reaproveitamento, reciclagem e recombinação de elementos extraídos do cotidiano. Um deles foi Farnese de Andrade, que recolhia objetos encontrados em praias e aterros do Rio e os colocava em redomas de vidro, armários, oratórios, nichos, caixas e imagens religiosas.

Figura 1 : Princípio



Fonte: Arquivo de Família

Figura 2 : Colagem digital - Conceição Evaristo



Compilado do autor (Fonte: ItaúCultural)

Conceição Evaristo

“Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarar. Portanto essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmas as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que ao registrar essas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência.”

(Epígrafe do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*.)

Irmã de Maria Inês, Maria Angélica, Maria de Lurdes, e de outros 5 irmãos, Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em Belo Horizonte no ano de 1946. Radicada em terras fluminenses, se formou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professora na rede pública de ensino e da rede privada de ensino superior. Militante do movimento pela valorização da cultura afro-brasileira, Mestre em Literatura Brasileira pela PUC, concluiu o doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

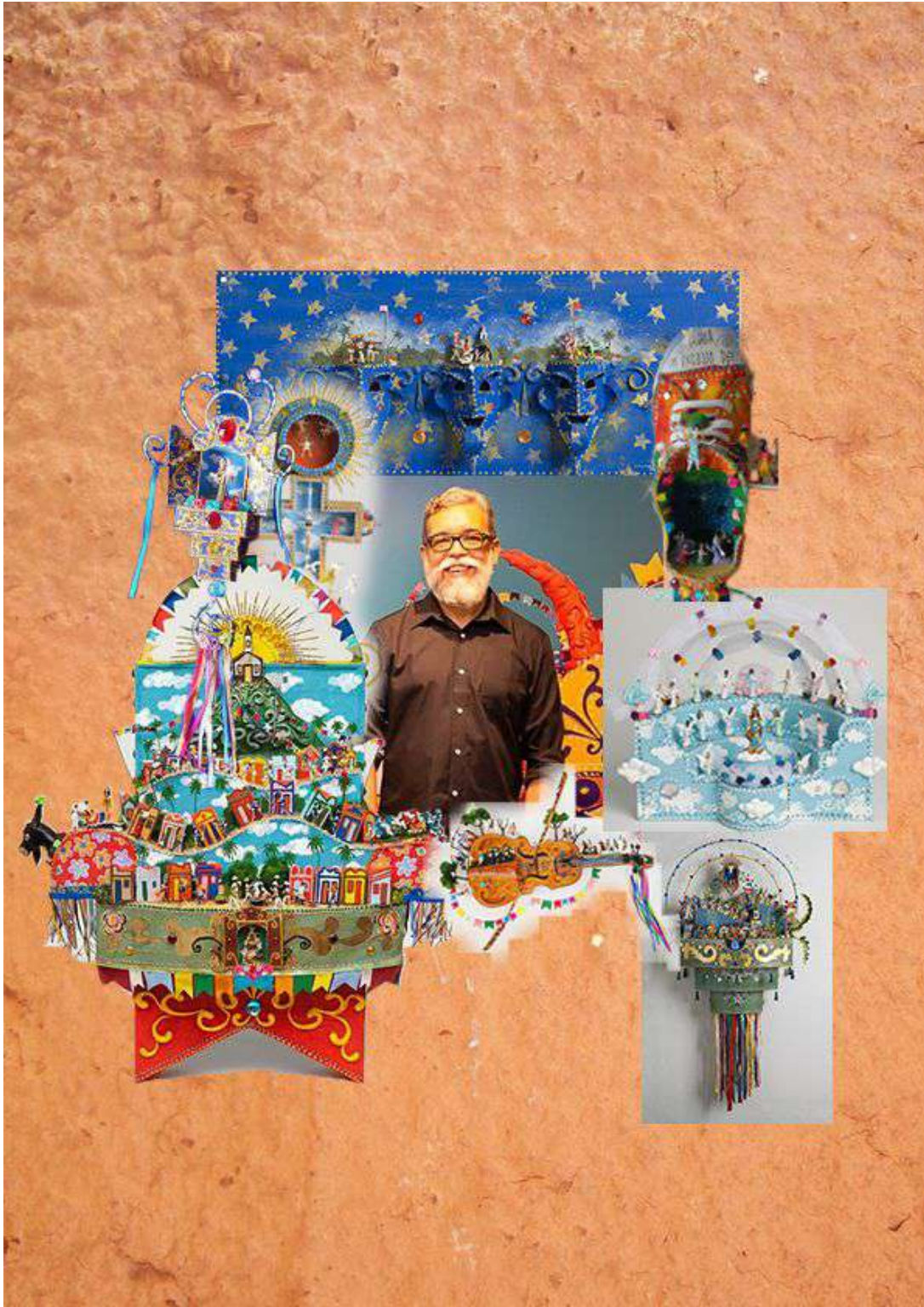
Sua primeira publicação foi no ano de 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*, do grupo Quilombhoje. Em 2013 ela veio a publicar o seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, desde então Conceição vem adquirindo cada vez mais leitores para suas obras que são marcadas por questões raciais, de gênero e de classe.

Seus textos que em prosas habitadas, sobretudo, por marginalizados, pessoas que são comumente excluídas do contexto social, fazem com que narrativas que atravessem pontes metafóricas caminhem por possíveis percursos e leituras de cunho bibliográfico. Ela possui um modo de apresentação dos valores ancestrais

que tendem a recusar uma nova colonização e que valida um modo de ser e existir de uma maneira a não permitir uma leitura pela via crítica ocidentalizada.

A escrevivência de Evaristo pode-se traduzir como uma articulação de memória recente, ou seja, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil.

Figura 3 : Colagem digital - Willi de Carvalho



Compilado do autor (Fontes: arquivo pessoal de Willi de Carvalho.)

Biografia - Willi de Carvalho

Nascido em Montes Claros, interior de Minas Gerais. O artista plástico Willi de Carvalho retrata em suas obras as festas populares mineiras, religiosas e profanas, catopés, caboclinhos, marujadas, reinado e congada.

Iniciou sua vida artística como cenógrafo, suas obras que carregam memória afetiva e uma dose de teatro são inspiradas nas obras de Hélio Leites, artista que ele conheceu por volta de 1996 e que o incentivou a criar cenários em miniatura.

“...Ele me incentivou a fazer como ele e gostei. A partir disso, desenvolvi coisas minhas e maiores em tamanho, sem imitá-lo”

A literatura é outra grande fonte de inspiração do artista, área de conhecimento que ele desenvolveu tanto apreço graças ao professor Ricardo Batista Lopes.

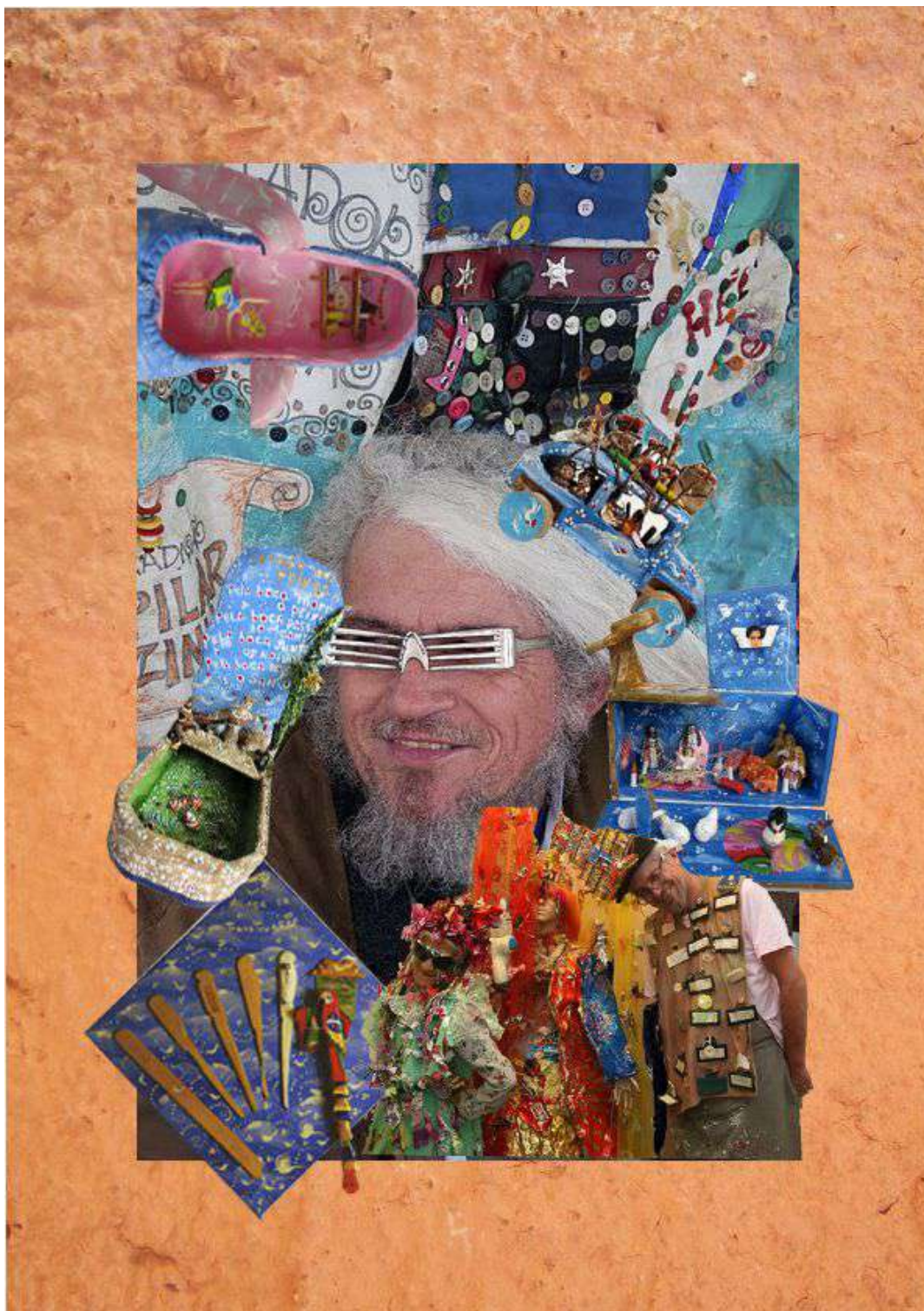
Em seu processo de criação ele se utiliza de diversos materiais, como papel paraná e objetos que muitas vezes seriam descartados, como restos de fantasias e adereços de carnaval. “Uso de tudo, até tela rasgada. Minha esposa, Clélia Lemos, encontra objetos interessantes na rua e me estimula a reutilizar. Misturo isso a pedrarias, fita colorida, papelão e papietagem”

Figura 4: Obra de Willi de Carvalho



Fonte: site Willy de Carvalho

Figura 5 : Colagem digital - Hélio Leites



Compilado do artista (Fonte: Katia Horn)

Biografia - Hélio Leites

De repente, você está num mundo onde as pessoas estão estudando tudo (...), Daí, o que é que sobra para você? O botão. Esse objeto que está há um palmo no nosso nariz. Colado na nossa pele. A gente pega nele em média 37 vezes por dia e a gente não sabe nem quantos furinhos ele tem. Se você não sabe quantos furinhos tem uma coisa que está tão próxima de você, com que moral você quer entender as coisas que estão do outro lado? A duzentos mil quilômetros da Terra? Tem quem não dorme pensando nas manchas solares, mas esquece de dizer um “oi” para o porteiro (LEITES,2010).

É assim que se apresenta Hélio Leites, um Button-maker-performer-graphic-designer-multimídia-man, título dado pelo Jornalista Rodrigo Garcia Lopes que tenta definir as multi facetas deste artista “anarquitecto do sonho”. Criador de grupos como o “ASSINTÃO” (Associação Internacional de Colecionadores de Botão), da “Ex-cola de Samba Unidos do Botão”, do “Fiu-fiuuu Sport Club”, da igreja de Salvação pelas Graças, que possui o slogan “Deus é Humor”.

Além de criador de diversos eventos, Hélio é um artista que ressignifica o que para muitos é considerado descartável. Em suas mãos o lixo se transforma em pequenos "inutensílios" que carregam as mais variadas narrativas .

Para ele, as coisas mais ordinárias podem se transformar em histórias magníficas. Seu cabelo pode virar a barba de Salvador Dalí, as Torres Gêmeas, as Cataratas do Iguaçu, entre outras milhões de possibilidades. Botões de todos os lugares do mundo contam histórias e se reúnem em um Museu do Botão, que se desloca até o seu visitante.

É possível encontrar Hélio Leites ao caminhar pela feira de artesanato do Largo da Ordem, em Curitiba, lugar em que ele possui uma barraca em que compartilha suas histórias com os visitantes da feira. Enquanto compartilhava uma dessas histórias com as pessoas que passavam por lá, ele soltou a seguinte frase: “Quem está desempregado é quem está procurando serviço no lugar errado.” Uma dessas pessoas, que ouviam atentas, estava desempregada e esperou todos se afastarem para perguntar a Leites onde ele deveria procurar emprego, e a resposta do Hélio

foi: “Dentro da gente”. Para Hélio, quando procuramos o que fazer dentro de nós, acabamos sempre fazendo o que gostamos. Porém, essa procura não é solitária, mas habita por outros e pelas diversas possibilidades de lidarmos com eles.”

Seus pequenos objetos, que carregam grandes aventuras, variam a narrativa de acordo com as experiências que vivencia.

Figura 6: Hélio e Efigênia



Fonte/foto: Katia Horn

Figura 7: Presépio pé de chinelo



Fonte/foto: Katia Horn

Farnese de Andrade

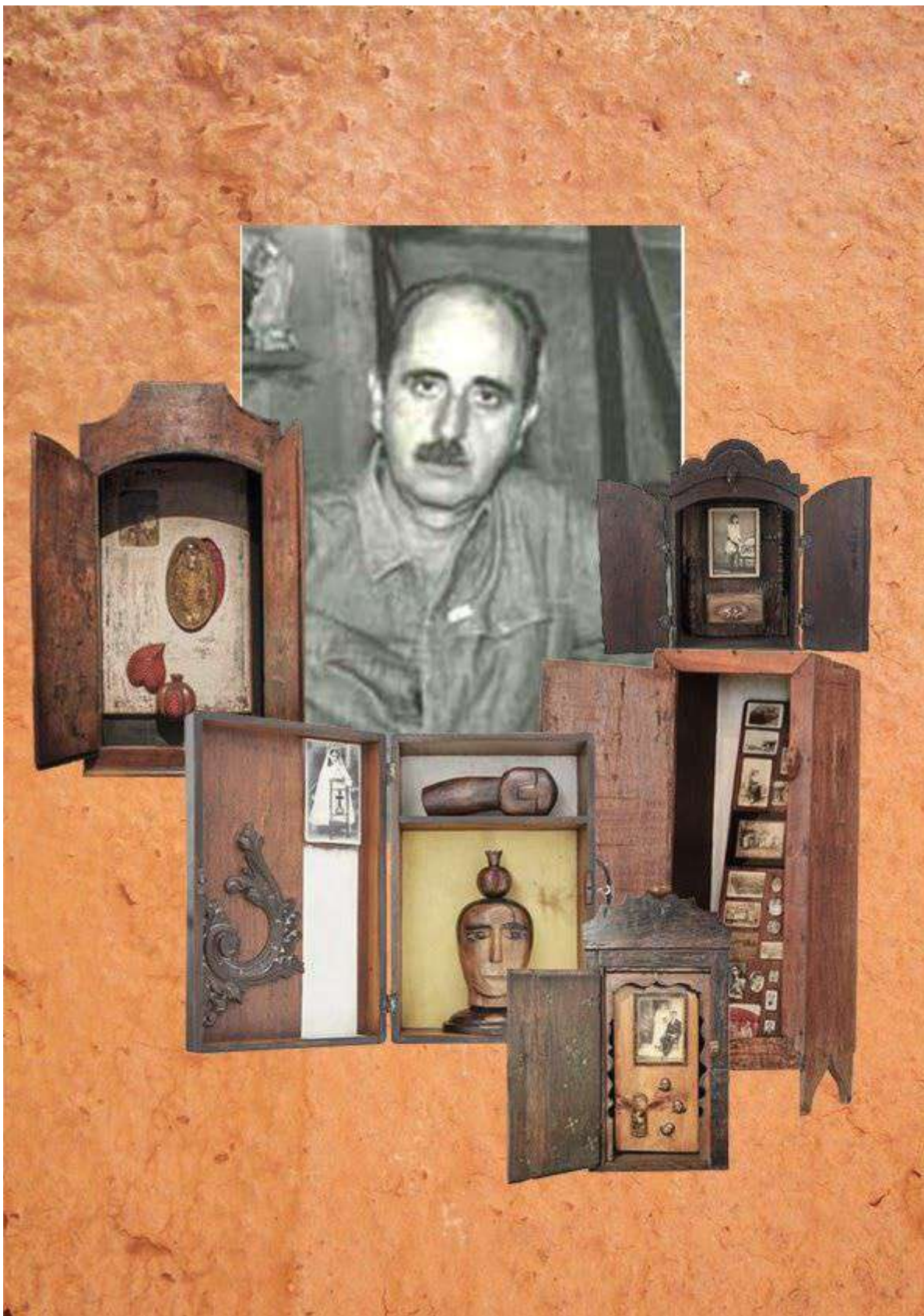
Nascido em 1926, na cidade de Araguari, MG, iniciou seus estudos nas artes em 1942, quando aprofundou-se em desenho na Escola do Parque, com Guignard. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1948, período em que seus pais se separaram e durante o seu tratamento de uma tuberculose pulmonar. Trabalhou como ilustrador para publicações até ingressar no Atelier do MAM-RJ para estudar gravura em metal.

Trabalhava de maneira independente, já que não gostava de atrelar pensamentos teóricos sobre suas obras, ao contrário do movimento modernista que efervescia na época, seguia um roteiro baseado na sua própria intuição e dúvidas existenciais, a partir de sua coleção particular de objetos. Justamente por manter-se afastado do cenário artístico, sua produção tinha pouca vazão para o mercado, acumulando-se em seu atelier, e eram constantemente recriadas e revisadas.

Farnese de Andrade faz gravuras abstratas, trabalhando com formas regulares e cores fortes. Junto com fotos e postais de família para criar suas obras se utiliza de materiais encontrados nas praias, como pedaços de madeira cheios de sulcos e de objetos ou assemblages com cabeças e corpos de bonecas, santos de gesso e plásticos, todos corroídos pelo mar. Esses objetos se organizavam em armários, oratórios, nichos, caixas e imagens religiosas em lojas de objetos usados, de antiguidades e depósitos de demolição que ele comprava.

Pioneiro na técnica de aplicação em resina de poliéster transparente nos trabalhos, em 1967 ele passou a utilizar a maleabilidade desse material, que enquanto quente permitia que fosse manipulado e ainda conservava os mais perecíveis. Suas representações foram pautadas no inconsciente e do corpo materno, questionando a origem da vida e o metafísico.

Figura 8: Colagem digital - Farnese de Andrade



Compilado do artista (Fonte: ItaúCultural)

A via

Para que o projeto saísse do campo da ideia e fosse para a concretização eu pude contar a orientação do Professor Ronald Teixeira, que foi me guiando para que eu não me perdesse nesse vasto território que é o passado. O primeiro passo foi mapear todos os lugares em que a Maria Raimunda, vulgo Mara, minha mãe, passou durante esses 60 anos de vida. Para isso, foram realizadas duas entrevistas:

Entrevista do dia 13 de Novembro de 2020: Após uma busca em alguns documentos e fotos antigas, selecionei todos os arquivos que poderiam ter ligação com o passado da minha mãe e com auxílio dela, pude confrontar os arquivos com a memória para que pudesse traçar uma ordem cronológica de acontecimentos e deslocamentos.

Entrevista do dia 26 de Novembro de 2020: Nessa entrevista foram coletadas as informações que não possuíam registros físicos. Como o primeiro registro fotográfico foi registrado apenas quando ela tinha 15 anos, e a não se possui muitos registros documentais sobre a sua vida na Bahia, as lacunas que apareceram na primeira entrevista foram preenchidas pela memória da minha fonte de pesquisa.

Após recolher todas as fotografias, arquivos e histórias, foi a hora de decidir quais seriam os palcos e as narrativas que cada um teria. A escolha se deu pela relação afetiva que cada objeto possui com a protagonista do TCC.

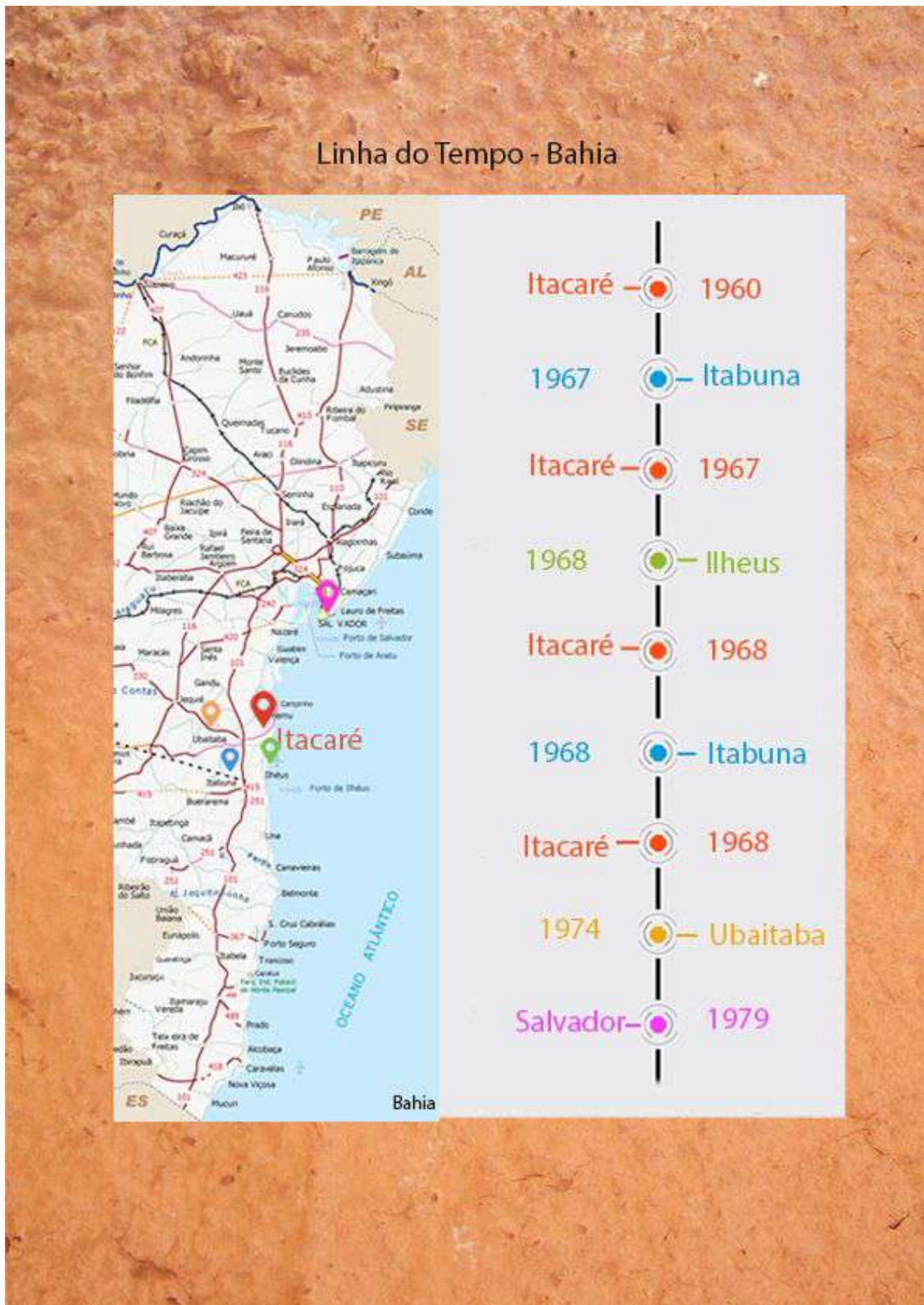
Pensar nesse processo de formação me evocou a imagem de um álbum de figurinhas e foi a partir dessa perspectiva que resolvi utilizar as fotos, colagens, pequenos objetos de estima e objetos sínteses para contar essa história.

Figura 9: Maria Raimunda dos Reis (Colagem digital)



Fontes: Acervo da família da autora

Figura 10: Colagem digital – Linha do tempo baiana



Fontes: Ministério dos Transportes e desenho digital da autora.

Bibliografia – Maria Raimunda dos Reis (Mara)

No dia 04 de fevereiro de 1960 nasceu, depois de um parto de alto risco, com nome em referência a uma promessa para o São Raimundo, nasce Maria Raimunda dos Reis, filha de Maria Teresa de Jesus Reis, neta de Ana Maria Firme e irmã de Maria Josilda. A casa em que nascera era muito humilde, uma casa de taipa, sem eletricidade, numa roça da cidade de Itacaré, Bahia.

Com aproximadamente 7 anos ela iniciou sua jornada. Com a premissa de ser levada para estudar, foi levada por seu pai para viver com a irmã de sua madrinha, na cidade de Itabuna, para que pudesse fazer as tarefas da casa e estudar.

Após um mês ela retornou a casa de sua mãe em Itacaré, porém não ficou por muito tempo, aos 8 anos ela foi para Ilhéus trabalhar em casa de família, mas também permaneceu por muito tempo, com isso, mas uma vez retorna para casa até que vai trabalhar na casa de um fazendeiro em Itabuna, foi nessa casa que ela ganhou o seu primeiro sapato novo, uma sapatilha de verniz vermelha com um laço. Em uma passagem do fazendeiro a sua cidade natal, ela acabou retornando novamente para casa da mãe, mas acabou deixando para trás os sapatinhos vermelhos.

A estrada de terra era uma grande companhia. Era através da estrada que ela se deslocava para as casas onde residia, para a escola, para as festas juninas na casa dos parentes e para a vida.

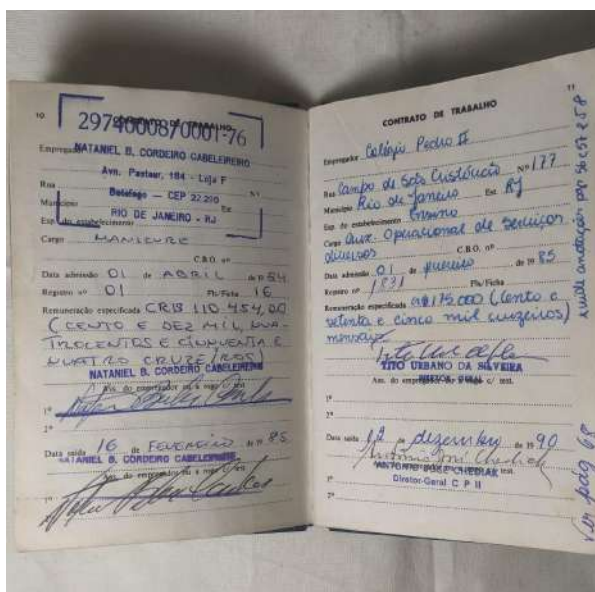
Quando tinha por volta de 13 para 14 anos, mais uma vez ela se viu longe de casa, dessa vez para fazer companhia para Dona Zezé, uma senhora, na cidade de Ubaitaba. De Ubaitaba eles se mudam para Salvador e na capital baiana ela permanece até completar a maior idade.

Perto de completar seus 19 anos, ela teve a oportunidade de vir trabalhar na casa do filho da dona Zezé no Rio de Janeiro. Na Capital Fluminense ela trabalhou na casa de algumas famílias na Zona Sul e pode completar os seus estudos no Colégio Santo Inácio em Botafogo. A última casa em que ela trabalhou como empregada foi a casa de Dona Léa, que mais tarde se tornaria madrinha de sua filha mais velha.

Nos anos 1984, ela trabalhou como manicure em um salão de beleza na galeria do Cine Veneza, na Av. Pasteur em Botafogo. Lá, ela pode conhecer uma cliente que futuramente possibilitaria seu ingresso como funcionária do Colégio Pedro II,

instituição essa que lhe trouxe a possibilidade de realizar seus sonhos e conhecer pessoas que ela levaria para toda vida.

Figura 11: Carteira de Trabalho



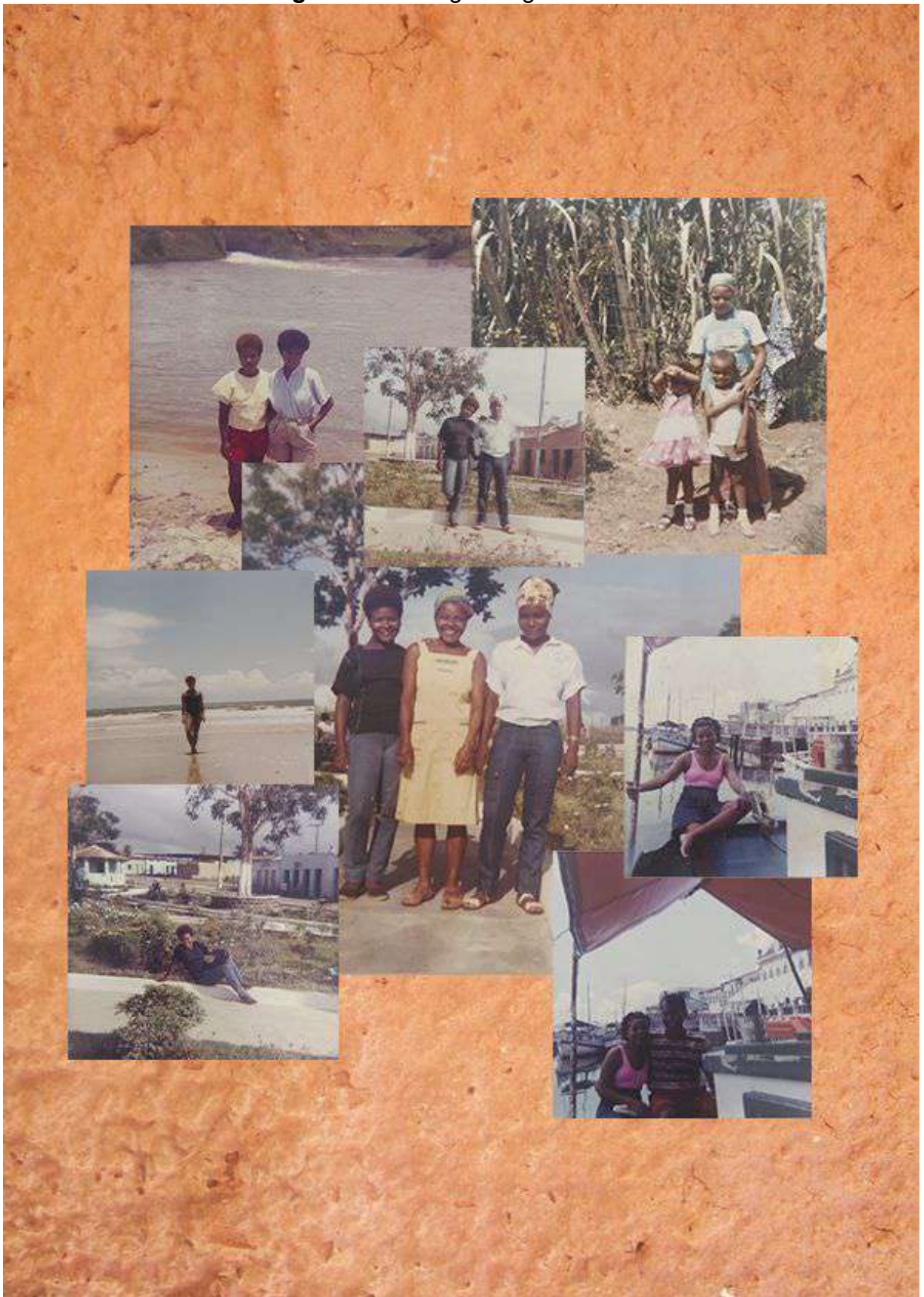
Fonte/foto: autor

Figura 12: RG - Maria Raimunda



Fonte/foto: autor

Figura 13 : Colagem digital --Bahia



Fontes: Acervo da família

Figura 14: Colagem digital - Aniversários nos anos 80



Fontes: Acervo da família

A ação

“Os pés que caminham em nossos pés”

Escala da Reprodução: 1:75

A primeira estação se passa na infância. O primeiro sapato traz consigo a memória dos primeiros passos, os primeiros caminhos percorridos ainda quando menina. Memórias das plantações de cana de açúcar, que junto com a plantação de cacau formam as fontes de sustento da “nação grapiúna”.

O calçado que protege e abriga os pés das possíveis lesões do caminho, mas que também podem significar prestígio social e poder. Durante o período da escravidão, apenas escravizados libertos poderiam obter de tal proteção os pés. Em cerimônias de casamento na tradição anglo-saxônica, o pai da noiva entregava um pé de sapato da filha simbolizando a transferência de autoridade.

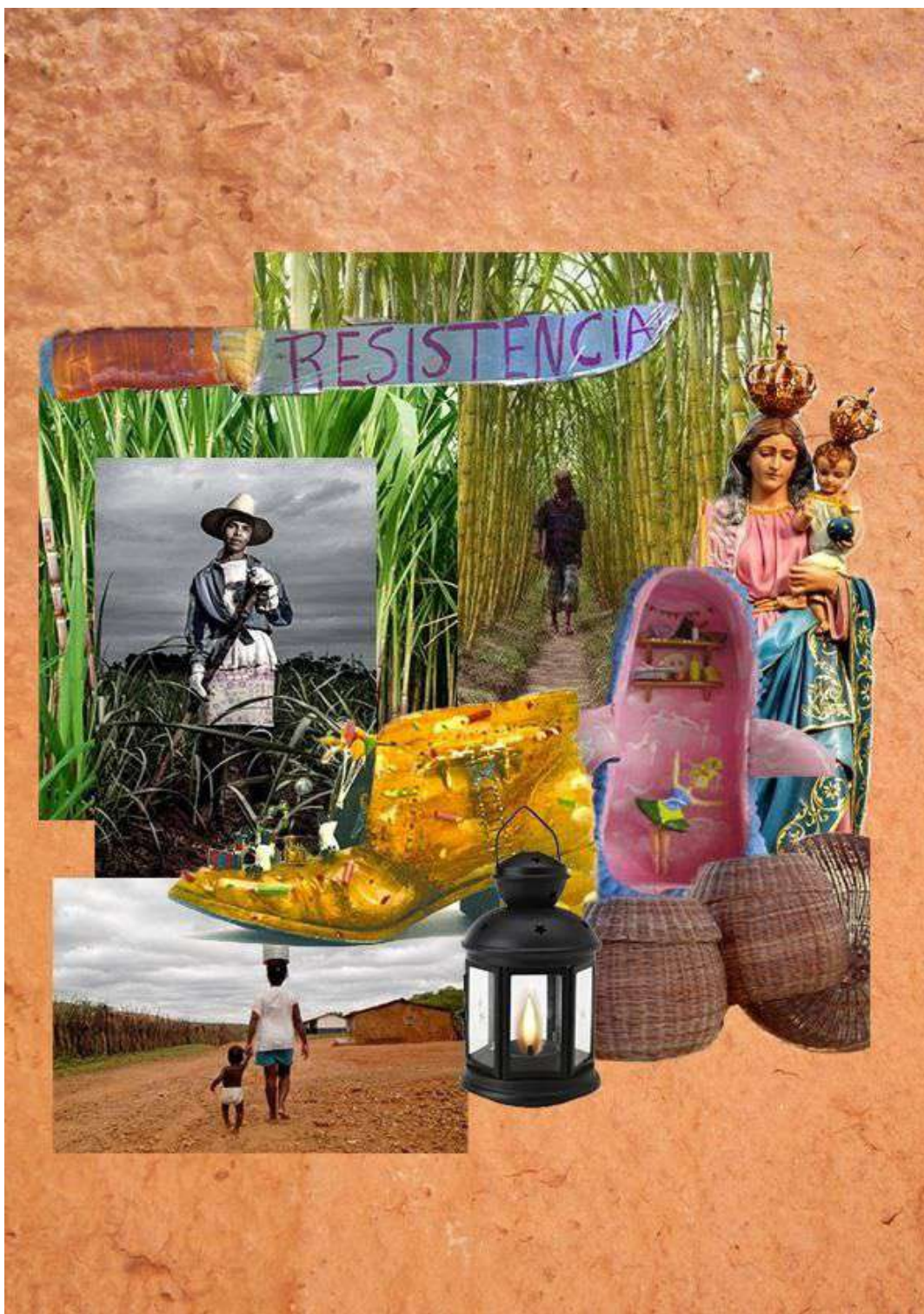
E é em um sapatinho de verniz vermelho que eu trago a memória de força e conexão com o ambiente. Dentro dele, em uma foto em escala reduzida, me encontro descalça, sentindo cada textura que o solo acidentado das plantações e da mata, relembrando os caminhos percorridos pelas mulheres que vieram antes de mim. Com um facão na mão direita, para desviar dos obstáculos formados galhos caídos pelo caminho, com um lampião na mão esquerda, para que o longo percurso de volta para casa não se perca na escuridão, e com um cesto na cabeça, recipiente que carregava o peixe que alimenta toda família.

Figura 15: Sapato de verniz vermelho



Fonte: Prints e fotos do autor

Figura 16 : Sapato



Compilado do autor (Fontes: Katia Horn, Onze Dinheiros, Folha Política, Paulo Fridman)

Figura 17: “Os pés que caminham em nossos pés”



Fonte: Autor

“Somos seus pés e suas bocas”

Escala da Reprodução: 1:20

A segunda estação se apresenta em um armário, que na verdade é um guarda-roupas, mas que chamávamos de armário, pois nele guardávamos não somente roupas, mas também as caixas que continham as memórias da família e que acompanhou a minha mãe durante a sua jornada dos anos 80 até que fosse vendido no início de 2019.

Todas as vezes que ele precisava ser arrumado, uma memória era tirada da caixinha. Algumas boas memórias, outras nem tão boas assim. Era nesse armário que me escondia quando sentia medo do mundo. No armário das memórias que me sentia confortável para expressar os mesmos sentimentos mais profundos enquanto ainda menina.

Por ser um objeto que acolhia e partilhava as memórias, e que acompanhou muitos momentos, foi escolhido para contar a história de Dona Mara no Rio de Janeiro, cidade em que ela concluiu os estudos, criou vínculos, constituiu família.

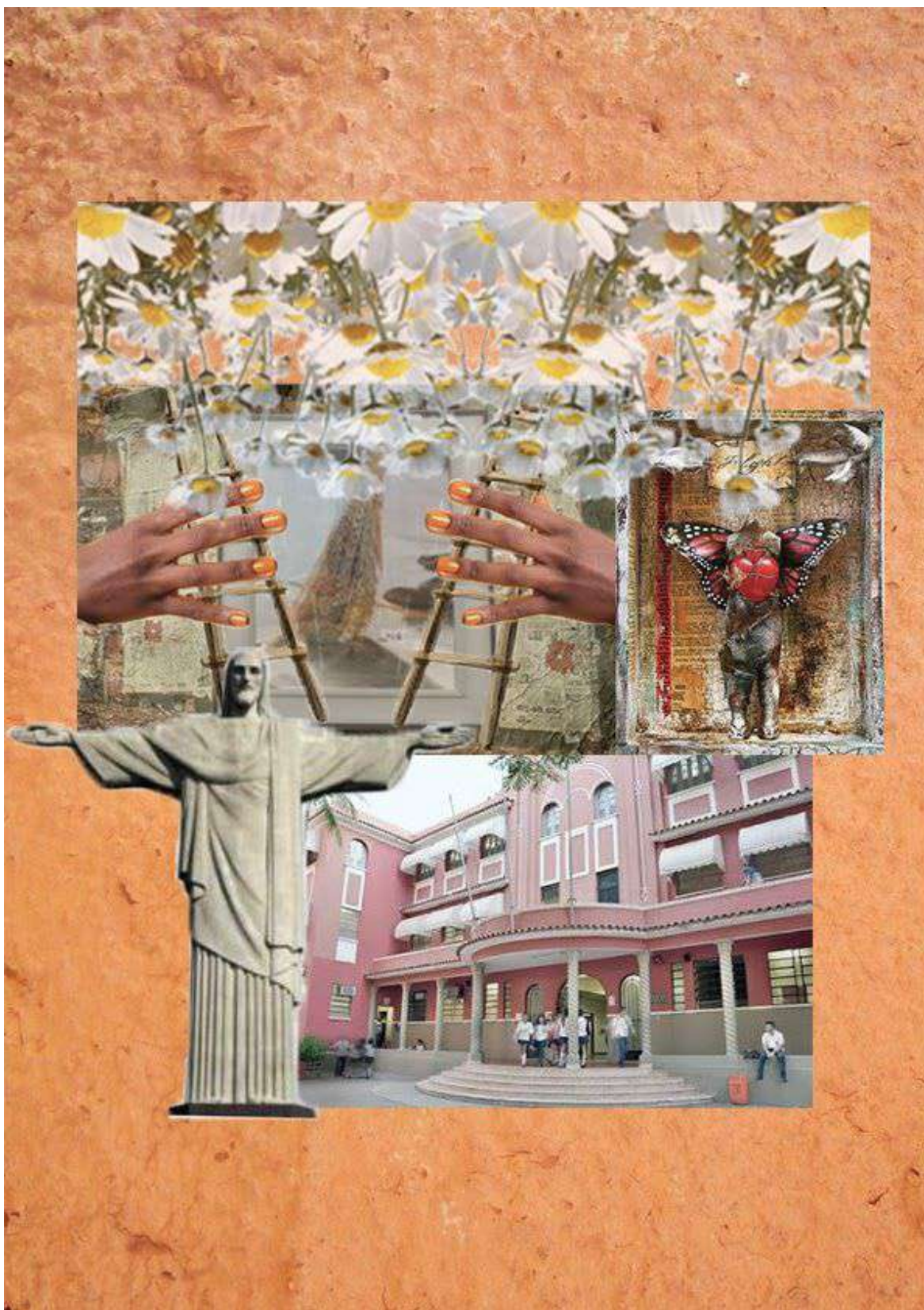
Para contar esta história o armário foi dividido em 3 subestações: Esquerda Baixa , Central Média e Direita Alta.

Esquerda Baixa: Dentro das portas do lado esquerdo do armário se encontram fotos da formatura no Colégio Santo Inácio e referências dos seus primeiros empregos na cidade maravilhosa.

Central Média: Como devota de Nossa Senhora da Luz, Santa da qual podemos observar do terraço de nossa casa e que está voltada para um dos maiores símbolos do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor, a parte central do guarda-roupas capela representa a religiosidade, algo muito presente na vida de Dona Maria Raimunda dos Reis.

Direita Alta: Já na terceira subestação se encontram as memórias do Colégio Pedro II. Margaridas (em referência ao nome de uma ex cliente do salão de beleza em que trabalhava, e que possibilitou seu ingresso no CPII) e lembranças se misturam em um espaço que serve de homenagem ao colégio que faz parte não só da vida de minha mãe, mas da minha irmã e da minha. O sonho da casa própria, a boa educação para os filhos, e grandes memórias de afeto foram proporcionados por essa instituição centenária.

Figura 18: Colagem Armário



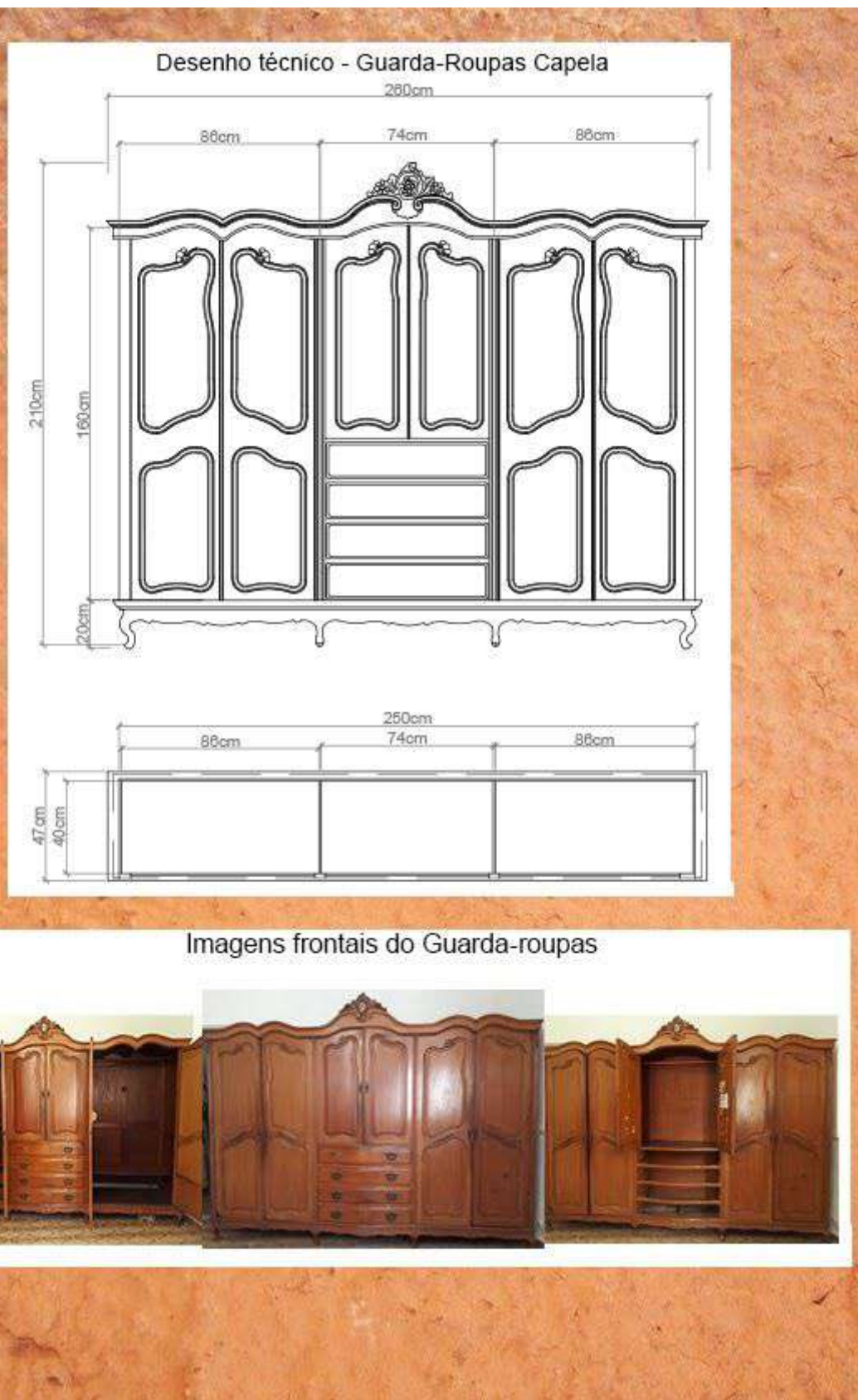
Fonte: Compilado do autor (Fontes: Itaú Cultural, Acervo de família, Walter Firmino, freepik, Myli Matias)

Figura 19: “Somos seus pés e suas bocas.”



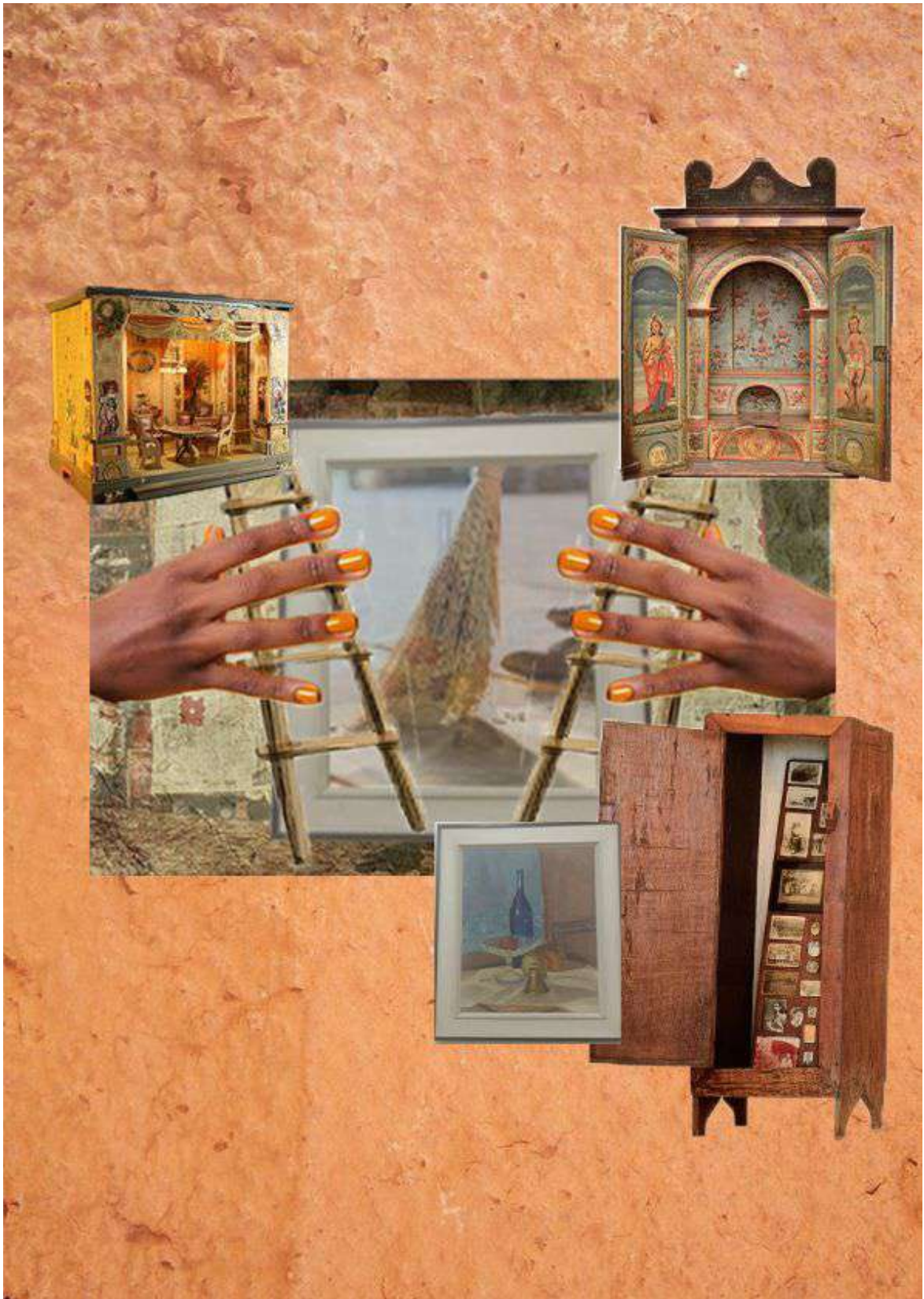
Fonte: Autor

Figura 20: Desenho Técnico Armário



Fonte: Autor

Figura 21: Colagem digital - Esquerda Baixa



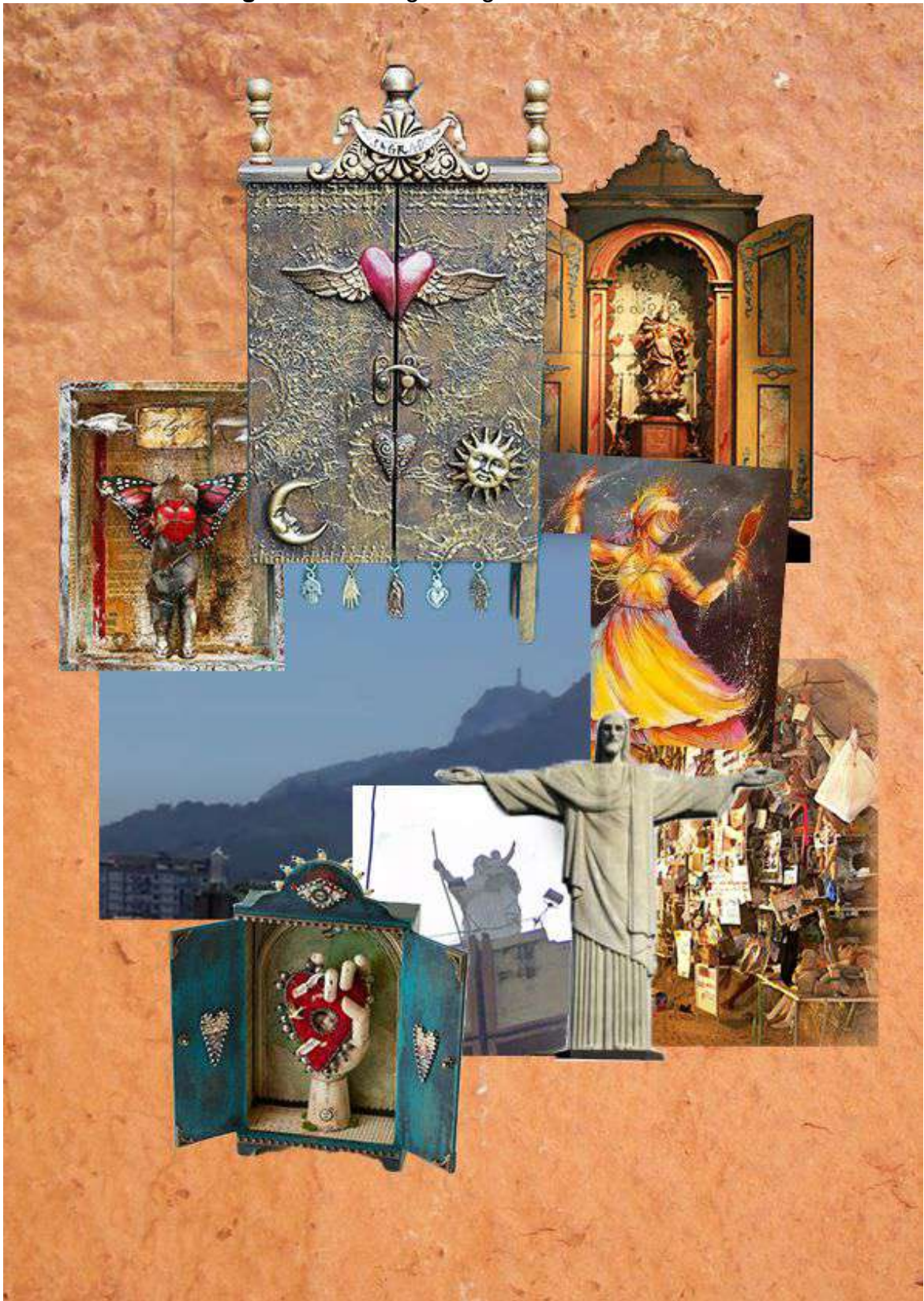
Compilado do autor (ItaúCultural, Acervo de família, Walter Firmino, freepik)

Figura 22: Esquerda Baixa



Fonte: Autor

Figura 23 : Colagem digital - Central Média



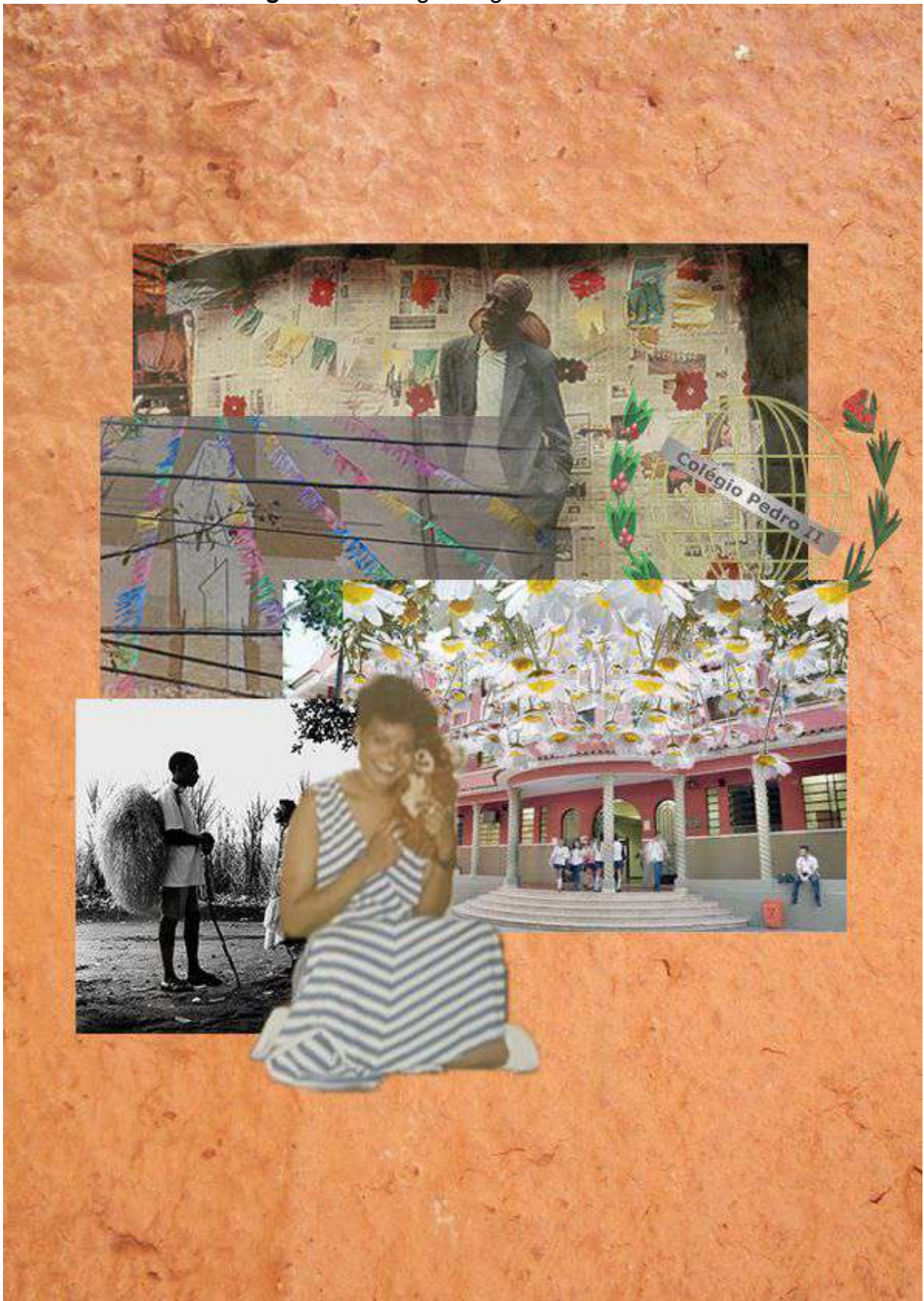
Compilado do autor (Fontes: Myli Matias, Kate Scrap Yard, Santuário Bom Jesus da lapa, acervo do autor, freepik)

Figura 24: Central Média



Fonte: Autor

Figura 25: Colagem digital – Direita Alta



Compilado do autor (Fonte: Acervo do autor, Walter Firmino, CP2, Folha Política, Google street view)

Figura 26: Direita Alta



Fonte: Autor

“De tempo somos”

Escala da reprodução: 1:10

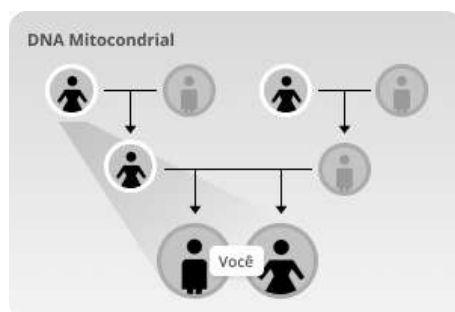
A última estação se apresenta como a presença da ancestralidade, um resgate que possibilita o conhecimento sobre aquilo que não se faz presente de forma física nos tempos atuais.

A mesa redonda, palco da que oferta a última narrativa, foi adquirida no mesmo momento que o guarda-roupas capela, mas diferente do outro objeto, permanece sobre a posse de Mara. E é neste lugar de confraternização, em que se senta em roda para partilhar o alimento, que se encontra o mapa genético, resultado de um teste de DNA ancestral que fiz para descobrir as minhas origens. A decisão de realizar este teste ocorreu por não existirem registros das origens da minha família.

O teste de linhagens indica qual a rota percorrida pelos seus ancestrais. Para descobrir a rota da sua linhagem materna, é feita uma análise do DNA mitocondrial (mt-DNA), um conjunto de haplogrupos encontrado nas mitocôndrias. Esses haplogrupos são um grupo de alelos (formas alternativas de um determinado gene) que carregam as características genéticas herdadas pelo pai e pela mãe. Assim, mesmo que o DNA tenha sofrido alguma mutação, é possível rastrear a origem e o caminho do seu haplogrupo materno ao longo de mais de 100 mil anos. (<https://descubra.genera.com.br/linhagem-materna>)

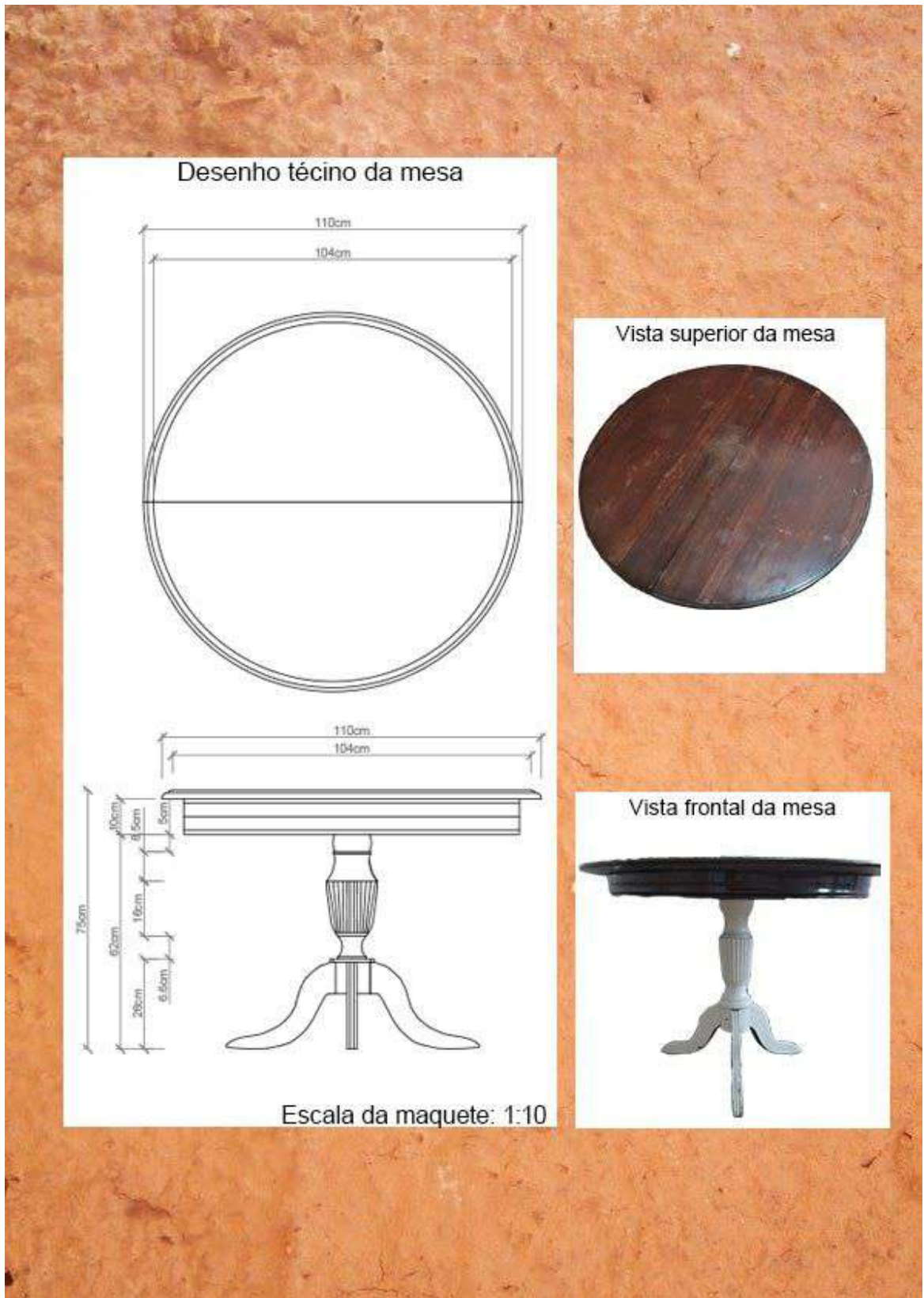
O personagem que vem ofertando as respostas desse questionamento, que foram perdidas ao longo do tempo, é a onça parda, animal que habita a Mata Atlântica e segundo a história que foi contada pela minha bisavó, para a minha avó, que depois foi repassada para mim, é a de que a minha tataravó seria uma onça parda que foi encontrada na mata e vivia amarrada, pois a todo instante tentava voltar para o seu habitat.

Figura 27: Árvore Genealógica - DNA Mitocondrial



Fonte: Genera

Figura 28: Desenho Técnico - Mesa



Fonte: autor

Figura 29: Colagem Mesa



FCompilado do autor (Fonte: Genera, Itacae.com, Antônio Carlos Barros)

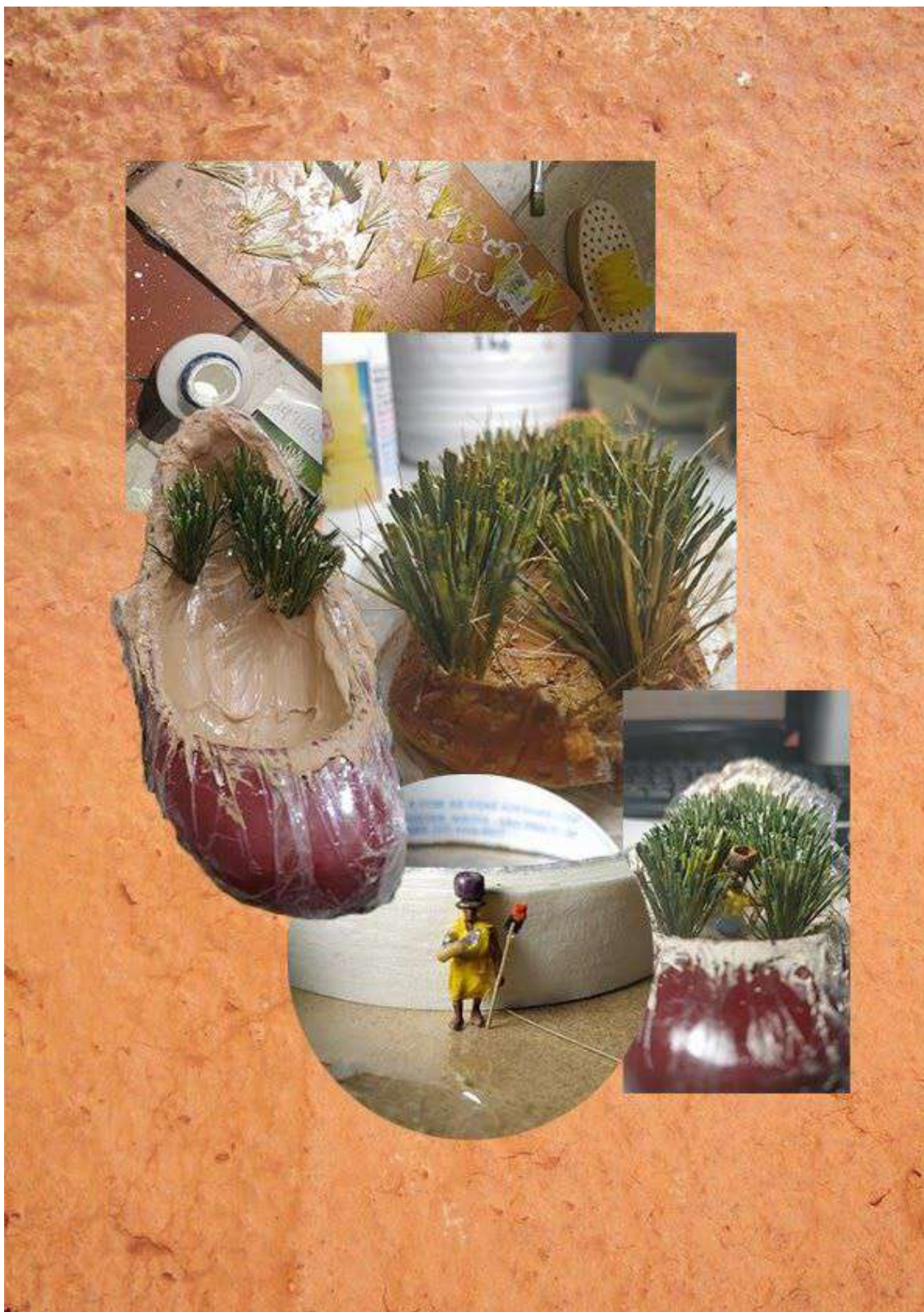
Figura 30: “De tempo somos”



Fonte: Autor

As Etapas

Figura 31: Processo do Sapato



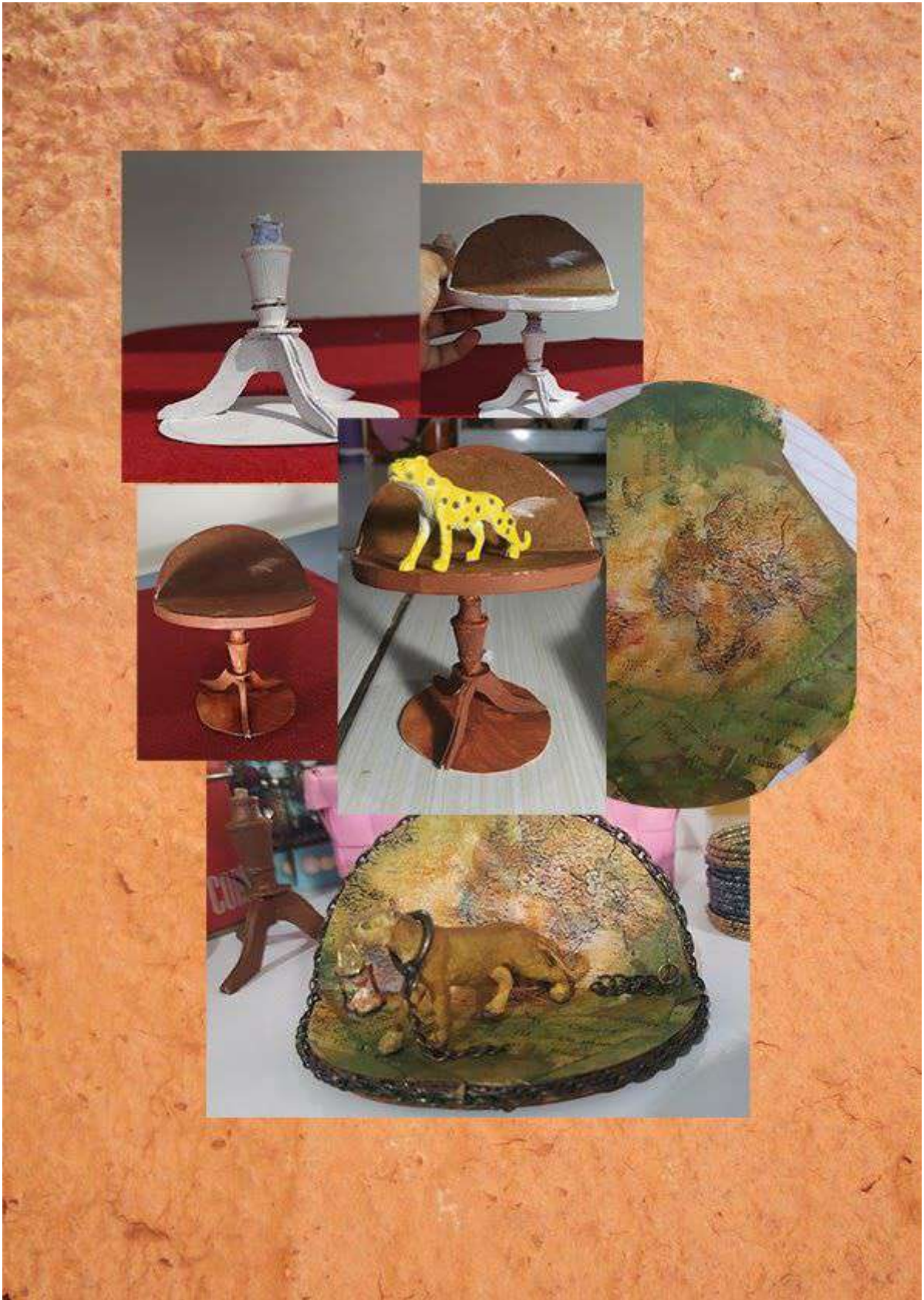
Fonte: Autor

Figura 32: Processo Armário



Fonte: Autor

Figura 33: Processo da Mesa



REFERÊNCIAS

ANTENNA WEB. OS SAPATOS AO LONGO DA EXISTÊNCIA HUMANA E SUA CONTEMPORANEIDADE. Disponível em:

<https://www.antennaweb.com.br/edicao2/artigos/pdf/artigo4.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BLOG DO THAME. Nação grapiuna, uma síntese da literatura, identidade e povo. Disponível em:

<http://www.blogdothame.blog.br/v1/2019/04/27/nacao-grapiuna-uma-sintese-da-literatura-identidade-e-povo/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

BRAGA, Jonathan Taveira; KASPE, Kátia Maria. Formação, experimentação, invenção*. Instrumento, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 39-46, jun./2013.

CASSOLI, Marileide Lázara. A Construção da Liberdade: Vivências da Escravidão e do Pós-Abolição. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017. p. 5.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. 5. ed. Rio de Janeiro: malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 3. ed. rio de Janeiro: Malê, 2016.

FAMA MUSEU. Farnese de Andrade. Disponível em:

<https://famamuseu.org/2020/farnese-de-andrade/>. Acesso em: 30 jan. 2021.

FARNESE de Andrade. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9245/farnese-de-andrade>>. Acesso em: 01 de Mar. 2021. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

NOSSA. Artista cria "minimundos" em caixas de fósforos, tênis e mais objetos... - Veja mais em

<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2020/06/23/festejos-detalhes-e-materiais-diversos-ditam-a-arte-de-willi-de-carvalho.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2020/06/23/festejos-detalhes-e-materiais-diversos-ditam-a-arte-de-willi-de-carvalho.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ORIGEM DA PALAVRA. Palavra armário. Disponível em:

<<https://origemdapalavra.com.br/palavras/armario/>>. Acesso em: 1 mar. 2021.

O SIGNIFICADOR DE INSIGNIFICÂNCIAS. Direção: Fernando Severo. co-direção: Diego Lopes. Produção: Ogersepol .2014 ,<https://vimeo.com/110286020>. (15:04 min).

WILLI DE CARVALHO. O Artista. Disponível em:
https://www.willidecarvalho.com.br/o_artista.html. Acesso em: 26 jan. 2021.

TURISMO E ARTE PROMOÇÕES, Live com Willi de Carvalho Artista Popular NAIF, 2020. (1h16min55s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=RruQmXEVR3Y&t=4092s>>. Acesso em:024 jan.2020.